

Artigos livres

Ensino de Geografia no contexto da Educação do Campo: a música como recurso didático

Teaching Geography in the context of Peasant Education: music as a didactic resource

La enseñanza de la Geografía en el contexto de la Educación Campesina: la música como recurso didáctico

Leônidas de Santana Marques¹ , Jailson Pereira dos Santos¹ 

¹ Universidade Federal de Alagoas , Campus do Sertão, Delmiro Gouveia, AL, Brasil

RESUMO

O ensino de Geografia no contexto da Educação do Campo apresenta inúmeros desafios, dentre os quais destacamos a necessidade de recursos pedagógicos que estabeleçam a contextualização como base para a aprendizagem. Assim, a reflexão sobre o uso de diferentes ferramentas didáticas é algo sempre desafiador. Este trabalho buscou responder ao seguinte problema: como a música pode auxiliar na articulação entre os conteúdos da Geografia e a realidade sociocultural dos estudantes do campo? Apresentamos como objetivo geral analisar como a música pode ser utilizada como ferramenta pedagógica nas aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo, destacando seu potencial para promover uma aprendizagem crítica e contextualizada. Com relação aos procedimentos metodológicos, este artigo se baseou em revisão bibliográfica sobre a inter-relação entre Educação do Campo, Ensino de Geografia e Música como recurso didático; também nos baseamos na análise documental de cinco canções, selecionadas com fins pedagógicos. Em suma, reafirmamos a importância da Geografia escolar em seus conteúdos com viés emancipatório no contexto da Educação do Campo, frisando que o ensino deve estar relacionado ao contexto em que os alunos estão inseridos e tendo a música como um recurso de grande valor nesse processo.

Palavras-chave: Educação do Campo; Ensino de Geografia; Música

ABSTRACT

Teaching Geography in the context of Peasant Education presents numerous challenges, among which we highlight the need for pedagogical resources that establish contextualization as the basis for learning.

Therefore, reflecting on the use of different teaching tools is always a challenge. This article sought to answer how music can help connect the school curriculum of Geography with the sociocultural reality of peasant students. Our general objective was to analyze how music can be used as a pedagogical tool in Geography classes within the context of Peasant Education, highlighting its potential to promote critical and contextualized learning. Regarding methodological procedures, this article was based on a literature review on the interrelation between Peasant Education, Geography Teaching, and Music as a teaching resource; we also relied on the documentary analysis of five songs, selected for pedagogical purposes. In short, we emphasize the importance of school Geography in its curriculum with an emancipatory focus within the context of Peasant Education, stressing that teaching should be related to the context in which students are immersed and using music as a valuable resource in this process.

Keywords: Peasant Education; Geography Teaching; Music

RESUMEN

La enseñanza de la Geografía en el contexto de la Educación Campesina presenta numerosos desafíos, especialmente la necesidad de recursos pedagógicos que establezcan la contextualización como base del aprendizaje. Por lo tanto, reflexionar sobre el uso de diferentes herramientas didácticas siempre supone un reto. Este trabajo buscó responder a la siguiente pregunta: ¿cómo puede la música contribuir a la articulación entre los contenidos de la Geografía y la realidad sociocultural del alumnado campesino? Nuestro objetivo general fue analizar cómo la música puede utilizarse como herramienta pedagógica en las clases de Geografía en el contexto de la Educación Campesina, resaltando su potencial para promover un aprendizaje crítico y contextualizado. Acerca de los procedimientos metodológicos, este artículo se basa en una revisión bibliográfica sobre la interrelación entre la Educación Campesina, la enseñanza de la Geografía y la música como recurso didáctico; asimismo, nos apoyamos en el análisis documental de cinco canciones, seleccionadas con fines pedagógicos. En resumen, reafirmamos la importancia de la Geografía escolar en su contenido emancipador dentro del contexto de la Educación Campesina, enfatizando que la enseñanza debe estar relacionada con el contexto en el que el alumnado se desenvuelve y considerando la música como un recurso valioso en este proceso.

Palabras clave: Educación Campesina; Enseñanza de la Geografía; Música

1 INTRODUÇÃO

A música, no contexto educacional, constitui uma importante ferramenta pedagógica, pois favorece a construção de aprendizagens críticas ao aproximar os conteúdos escolares da realidade dos estudantes. Apesar do crescente reconhecimento da música como recurso didático, ainda são poucos os estudos que articulam música, ensino de Geografia e Educação do Campo. Diante disso, este trabalho buscou

responder ao seguinte problema: como a música pode auxiliar na articulação entre os conteúdos da Geografia e a realidade sociocultural dos estudantes do campo?

O objetivo geral consistiu em analisar como a música pode ser utilizada como ferramenta pedagógica nas aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo, destacando seu potencial para promover uma aprendizagem crítica e contextualizada. Como objetivos específicos, pretendeu-se: analisar o potencial pedagógico da música no ensino de Geografia; identificar canções relacionadas à realidade do campo; propor estratégias de utilização das músicas em sala de aula; e refletir sobre suas contribuições para o desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes.

A pesquisa justifica-se pela necessidade de tornar o ensino de Geografia mais dinâmico e conectado à realidade dos sujeitos do campo, considerando que práticas tradicionais muitas vezes tornam os processos de ensino e aprendizagem limitados. Além disso, observa-se a escassez de pesquisas que relacionam música, Geografia e Educação do Campo de forma integrada.

Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, fundamentada em autores como Freire (1996), Caldart (2004), Callai (2011), Cavalcanti (2021), Schafer (2011), Dozena (2019) e Ferreira (2001), que discutem Educação do Campo, ensino de Geografia e música como recurso pedagógico. Conforme Minayo (2001), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, crenças, valores e experiências sociais que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O artigo está organizado em três seções que abordam a Educação do Campo e o ensino de Geografia, a relação entre música e Geografia e, por fim, a análise de canções como instrumento didático no contexto da Educação do Campo.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO E ENSINO DE GEOGRAFIA

A Educação do Campo nasce como uma forma de resistência à histórica negação do direito à educação no cenário dos povos camponeses. Segundo Camacho

(2011), os movimentos sociais do campo, mais especificamente o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), não produzem apenas uma luta pela melhor distribuição de terra e renda, mas produzem também uma luta pela construção de uma pedagogia condizente com a luta e com o processo de produção e reprodução material e simbólica da classe camponesa.

A busca por uma educação digna e de qualidade se tornou umas das principais lutas no campo. Pela lógica do Estado capitalista, é muito gasto manter os alunos em uma escola do campo, encarando a educação como uma mercadoria. O que vem ocorrendo nesses últimos anos é o fechamento de escolas do campo, justamente por uma ação deliberada do Estado. Em complemento a isso, “a Educação do Campo está sendo construída pelos movimentos socioterritoriais camponeses como forma de resistência camponesa à invasão do seu território por parte do capitalismo no campo na forma de agronegócio” (Camacho, 2011, p. 26).

Em relação ao direito que temos de uma educação de qualidade, entendemos que

Somos herdeiros e continuadores da luta histórica pela constituição da educação como um direito universal: um direito humano, de cada pessoa em vista de seu desenvolvimento mais pleno, e um direito social, de cidadania ou de participação mais crítica e ativa de todos na dinâmica da sociedade. Como direito não pode ser tratado como serviço, nem como política compensatória; muito menos como mercadoria (Caldart, 2004, p. 17).

Diante das concepções de Caldart, a educação não pode ser vista como uma mercadoria, portanto, não pode ser vista como um meio para atender interesses econômicos utilitaristas ou não deve depender da capacidade financeira dos indivíduos. Ou seja, a educação não pode ser encarada como uma política compensatória, pelo contrário, ela deve ser assegurada e garantida como um direito pleno pelo Estado.

Segundo Caldart (2004), a Educação do Campo é identificada pelos seus sujeitos, com diferentes identidades e idades que compõem o campo brasileiro, no qual estão famílias, organizações, comunidades e os movimentos sociais. “A perspectiva da

Educação do Campo é exatamente a de educar as pessoas que trabalham no campo, para que se encontrem, se organizem e assumam a condição de sujeitos da direção de seu destino” (Caldart, 2004, p.18).

O ensino de Geografia deve estar contextualizado com a realidade de cada aluno. Camacho (2011) reforça que se faz de extrema importância discutir a realidade do espaço rural com mais profundidade quando se leciona para alunos que vivenciam essa realidade, pois a Geografia deve sempre estar relacionada à realidade socioespacial do aluno. Nesse contexto, Santos (2011) aponta que a escola deve cumprir o papel de proporcionar reflexões políticas e educativas que contribuam para apontar caminhos de uma realidade mais humana e justa às diversas populações do campo.

A Geografia escolar é indispensável para a formação dos estudantes, pois ela permite a compreensão do mundo em que vivemos e a reflexão sobre as dinâmicas espaciais que influenciam suas vidas. Cavalcanti (2021) defende a ideia de que quando ensinamos Geografia, estamos ensinando um modo de pensar e a compreensão da realidade em que se vive por meio dos conteúdos geográficos. Para Callai (2011, p. 131), “a Educação Geográfica é a possibilidade de tornar significativo o ensino de um componente curricular sempre presente na educação básica, pois ela discute questões do mundo da vida e promove um aprendizado significativo”.

Cavalcanti (2021) argumenta que a Geografia escolar deve estar alicerçada em fundamentos teóricos e metodológicos sólidos, para que possibilite aos estudantes o desenvolvimento de um pensamento geográfico crítico. Para isso, a autora sugere que os professores adotem metodologias que integrem teoria e prática, facilitando a construção de conhecimentos relevantes para a vida cotidiana dos alunos, superando os métodos tradicionais de ensino. Callai (2011) também destaca que o ensino da Geografia deve ir além da memorização de nomes e localização de lugares, priorizando a análise de processos espaciais e suas dinâmicas.

Em relação ao currículo escolar, Callai (2011) destaca que ele é definido de forma intencional, refletindo escolhas políticas e sociais. Cabe ao professor

interpretar criticamente esses currículos e criar estratégias adequadas para que os alunos desenvolvam o pensamento geográfico. “A Geografia escolar é, portanto, aquela que traz em si a informação (conteúdo específico) e a dimensão pedagógica que carrega em si própria” (Callai, 2011, p. 134). Não basta apenas apresentar dados, é essencial transformá-los em conhecimento significativo, problematizando e contextualizando os conteúdos e promovendo o desenvolvimento de competências que estimulem a reflexão.

Camacho (2011) aponta que o professor crítico estabelece um diálogo entre o conhecimento científico acadêmico e o conhecimento trazido pelo aluno à sala de aula. Nessa perspectiva, uma das funções do educador é fazer o aluno refletir sobre sua realidade, permitindo que sua curiosidade seja parte integrante do processo educativo. Isso se confirma com a ideia de Freire (1996, p. 15), para quem o papel do educador “não é apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo”. Nesse sentido, o ponto de partida freireano são sempre os problemas e demandas reais da comunidade, pois a educação libertadora surge a partir do diálogo com a realidade concreta, tornando o aprendizado significativo e transformador.

Freire (1996) aponta que a globalização oculta sua verdadeira natureza, voltada para os interesses do mercado e não para o bem-estar coletivo. “O discurso ideológico da globalização procura disfarçar que ela vem robustecendo a riqueza de uns poucos e verticalizando a pobreza e a miséria de milhões” (Freire, 1996, p. 65). Diante disso, Camacho (2011) defende que a Geografia seja capaz de auxiliar na mudança social por meio da conscientização dos sujeitos-estudantes em relação às contradições do capitalismo e de sua natureza classista e exploradora, contribuindo assim para a sua transformação social.

Em relação aos conceitos geográficos, Lisboa (2007) enfatiza que eles servem de ferramenta intelectual para que possam ser reutilizados em novas análises. Não se deve pensar nos conceitos como algo pronto e acabado, pois eles estão em constante

construção. Os principais conceitos da Geografia, segundo a autora, são: Espaço Geográfico, Região, Lugar, Território, Territorialidade, Redes e Escalas Geográficas. É importante que o ensino de Geografia seja organizado com base nesses conceitos, diferenciados por níveis de complexidade, destacando que quando utilizados corretamente, os alunos podem reconhecer desigualdades no uso dos recursos naturais, disputas geopolíticas e desigualdades socioeconômicas em contextos urbanos e rurais.

Vygotsky (1994) contribui com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), apontando que o aprendizado das crianças começa muito antes de elas frequentarem a escola, pois qualquer situação de aprendizado com a qual a criança se defronta já tem uma história prévia. Nesse sentido, os alunos já chegam à escola com algum aprendizado prévio, e cabe ao professor aprimorar esses conhecimentos e ensinar os conteúdos de uma forma bem estruturada e conectada com a vivência de cada um. A música, como ferramenta pedagógica, aprimora os conhecimentos prévios dos alunos, fazendo-os conectar com a realidade em que vivem e com os conceitos geográficos.

Camacho (2011) reafirma que para fazer uma Geografia que faça com que os alunos pensem sobre as relações socioespaciais e sobre a contradição de classes, se faz necessário produzir um ensino de Geografia vinculado à realidade local dos educandos. Ao valorizar os saberes locais e promover a leitura do mundo a partir da realidade dos sujeitos do campo, a Geografia contribui para a formação de cidadãos conscientes, capazes de atuar na transformação social de suas comunidades.

Nesta seção, evidenciou-se que a Educação do Campo vai além de uma modalidade de ensino, constituindo-se como um projeto político e pedagógico voltado à emancipação dos sujeitos camponeses. Quando articulado à realidade desses sujeitos, o ensino de Geografia torna-se um importante instrumento de compreensão e transformação do mundo. A próxima seção discute como a música pode contribuir

nesse processo como linguagem pedagógica vinculada ao cotidiano dos estudantes do campo.

3 MÚSICA E ENSINO DE GEOGRAFIA

O uso da música nas aulas de Geografia é importante para o desenvolvimento dos alunos e ainda é um tema pouco trabalhado no Brasil. Schafer (2011) introduziu o conceito de paisagem sonora, que descreve o ambiente acústico ao nosso redor. Esse conceito engloba tanto os sons naturais, como o vento soprando ou a água correndo, quanto os sons urbanos e industriais. Em sua perspectiva, não há uma separação rígida entre música e ruído, tudo depende de como ouvimos e interpretamos os sons que nos cercam. Dozena (2019, p. 12) amplia esse entendimento ao considerar a música como um agente de vivência espacial que contribui para a formação de identidades, tanto individuais quanto coletivas, ligadas a territórios específicos. Schafer (2011, p. 331) ainda relata que

no campo, aprendi um ritmo de vida totalmente novo, mais ligado aos ciclos da natureza. Descobri que estava dividindo meus cem acres com inúmeros animais e pássaros. Ouvia lobos uivando e, algumas vezes, ursos e veados. As mudanças de estação eram uma fonte de fascinação constante. A paisagem sonora, raramente perturbada por ruídos humanos, era ideal.

Nesse relato, o autor nos mostra que a relação entre música e geografia é um campo fascinante que une a arte sonora e o espaço de maneira profunda, mostrando como os sons de um local podem refletir e até influenciar sua identidade geográfica. Podemos aprofundar essa reflexão com as diferenças entre sons do campo e da cidade. As pessoas que moram no campo e estão em constante contato com o ambiente menos construído, tem essa possibilidade de ter uma paisagem sonora limpa e rica em sons naturais.

Ao ouvir uma música, podemos ser levados a pensar em diferentes lugares, talvez seja pelas descrições que são feitas nas letras das músicas ou pelos significados que podem ser atribuídos por aqueles que ouvem as músicas (...) podemos ouvir um reggae e associarmos a Jamaica, ou um

tango e pensarmos na Argentina. Pensando nas diferentes manifestações culturais no Brasil, não será diferente (...) ao ouvir um maracatu, podemos associar ao estado de Pernambuco (Dozena, 2019, p. 86).

Na concepção de Dozena (2019), a música é uma forma de questionar a leitura dos lugares em que vivemos, de pensar nos espaços de outra forma. A música busca se relacionar com temas que fazem parte das aulas de Geografia com situações que os alunos vivenciam. Para ele, esse tipo de linguagem contribui na construção das noções de espacialidades de maneira de traçar vínculos com os elementos sonoros, é uma possibilidade de desestabilizar o tradicionalismo.

Segundo Schroeder (2009, p. 8),

a música, enquanto linguagem imbuída de sentimentos e representatividade da vida e de diferentes concepções desta, é um elemento de comunicação que perpassa diferentes circunstâncias e fatos sociais, permitindo aliar os conteúdos das disciplinas, neste caso da Geografia, com a mensagem transmitida pela linguagem musical.

A partir do que foi exposto por Schroeder (2009), Dozena (2019) afirma que a música surge como um elemento que pode favorecer o trabalho didático do professor de Geografia, pois ela tem o poder de nos transportar para lugares que somente a nossa mente conhece, além de ser muito presente no cotidiano dos alunos.

De acordo com Ferreira (2001), ao introduzir a música em disciplinas com características distintas dessa arte, surgem duas constatações relevantes. A principal vantagem é a abertura de um segundo caminho comunicativo, o não verbal, permitindo despertar e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas. A principal desvantagem, por sua vez, é o fato de a música se caracterizar como outra linguagem, apresentando algumas barreiras ao profissional que não a domine. Contudo, o autor enfatiza que vale muito a utilização da música em sala de aula pelo professor, desde que ele se dedique a compreendê-la e desenvolva o hábito de escutar os mais variados sons.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes (Brasil, 1998), a música pode ser utilizada no ensino tendo como referência três eixos: o eixo da produção, que envolve expressão, improvisação, composição e interpretação; o eixo da fruição e apreciação, que abrange a escuta, o envolvimento e a compreensão da linguagem musical; e o eixo da reflexão e contextualização, que compreende a música como produto cultural e histórico. Com base nesses três eixos, Paula (2004) sugere três objetivos para o uso de músicas no ensino de Geografia: a apreciação crítica das músicas; a contextualização das músicas como produto cultural e histórico-geográfico; e a produção de músicas com relação aos conteúdos de Geografia.

Muniz (2012) reforça que a utilização de letras de músicas em sala de aula facilita a análise e a reflexão dos conteúdos, a partir da dinâmica da sociedade em que vivemos. Azevedo (2013) alerta que a música não deve ser utilizada como mero passatempo, sem reflexão ou análise, pois isso enfraquece seu potencial pedagógico. Em vez disso, ela deve ser incorporada ao conteúdo de forma significativa, permitindo uma análise crítica e enriquecedora. Corrêa e Rosendahl (2009) propõem caminhos para uma análise geográfica da música popular a partir de: significados simbólicos; música e comunicação cultural; política cultural e música; economia e música; e música e construção de identidades.

No que se refere à seleção das músicas, Schroeder (2009) identificou que os alunos se interessam por diferentes estilos musicais, como sertanejo, rock e rap. A pesquisa revela a importância de considerar os gostos musicais dos alunos, sendo este um caminho a ser seguido para despertar o interesse deles. Vieira e Sá (2007) também destacam que é improvável que crianças e adolescentes se interessem por aulas em que o professor apenas leia um texto sem aplicar nenhuma atividade pedagógica dinâmica que os envolvam no processo de aprendizagem. Portanto, a música, por ser uma linguagem universal, raramente deixa de agradar alguém, considerando a diversidade de gêneros existentes.

Importante ressaltar que o professor pode se deparar com diversas dificuldades, como a resistência inicial de alguns alunos, a escassez de recursos materiais e tecnológicos e as limitações para integrar essa prática ao planejamento curricular. Ainda assim, a música surge como uma alternativa viável e enriquecedora para dinamizar o processo de ensino-aprendizagem em Geografia, promovendo maior envolvimento dos alunos e facilitando a assimilação dos temas abordados, especialmente no contexto da Educação do Campo.

Nesta seção, compreendeu-se que a música vai além do entretenimento, constituindo-se como uma linguagem repleta de sentidos geográficos, culturais e identitários. O conceito de paisagem sonora demonstra sua capacidade de aproximar o aluno do conteúdo de forma sensível e significativa. Na próxima seção, essa discussão será aprofundada por meio da análise de canções brasileiras, evidenciando seu potencial como instrumento didático nas aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo.

4 CANÇÕES COMO RECURSO DIDÁTICO: ANÁLISE E REFLEXÕES PARA O CONTEXTO DO ENSINO DE GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

Nesta última seção apresentamos alguns exemplos de como podemos trabalhar a música como recurso didático para aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo. Organizamos três subseções. As duas primeiras apresentam sugestões de canções que tratam da realidade camponesa sob diferentes prismas: o cancioneiro de Luiz Gonzaga, e as reflexões distintas sobre o agronegócio em Chico César e Ana Castela. Por fim, a terceira subseção apresenta uma reflexão de síntese sobre como podemos trabalhar esses recursos.

4.1 O ensino de Geografia a partir das canções de Luiz Gonzaga

Luiz Gonzaga do Nascimento foi o principal precursor da música e da cultura nordestina no século XX. Segundo Farias, França e Andrade (2019), Gonzaga

desenvolveu seu estilo musical com base nas suas origens, contando a sua história e a de sua terra por meio de suas canções.

A música Asa Branca (Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, 1947) retrata as vivências do sertanejo por meio de uma linguagem simples e poética, revelando os aspectos naturais, sociais e culturais do Semiárido nordestino. O trecho a seguir ilustra esse contexto:

*Quando olhei a terra ardendo
Quá fogueira de São João
Eu perguntei a Deus do céu: Ai
Por que tamanha judiação?
Por falta d'água, perdi meu gado
Morreu de sede meu alazão
[...]
Entonce eu disse: Adeus, Rosinha
Guarda contigo meu coração*

Seu uso em sala de aula favorece o diálogo com a realidade vivida pelos estudantes do campo, por meio da articulação de conhecimentos científicos com saberes populares. O problema da seca no Sertão pode ser trabalhado com relação à vegetação da Caatinga, à vulnerabilidade ambiental, ao êxodo rural e à falta de políticas públicas. A música também retrata a Asa Branca como símbolo da migração causada pela seca: quando ela vai embora, a seca chegou e quando retorna, a chuva voltou.

Cabe destacar que os problemas enfrentados no Sertão nem sempre estão relacionados a processos naturais, pois muitos desses problemas se relacionam ao abandono das populações rurais por parte do Estado. Políticas públicas como a criação de açudes, carro-pipa e transposição de rios não conseguem resolver definitivamente o problema da seca, que deve ser encarada pelo paradigma da convivência e não do combate. A música também retrata os prejuízos causados pela seca, a morte de animais

e plantações, o que faz com que as pessoas que vivem do sustento da pecuária e da agricultura passem por privações básicas. Além disso, a modernização da agricultura, a grande concentração de latifúndios e a falta de políticas públicas fazem com que esses sujeitos sejam obrigados a abandonar o campo em busca de melhorias nos grandes centros urbanos, aumentando o êxodo rural.

Em complemento, a música *A volta da Asa Branca* (Luiz Gonzaga e Zé Dantas, 1950) retrata o retorno do sujeito ao campo após uma migração forçada ocasionada pela seca. O trecho central expressa esse momento:

*A seca fez eu desertar da minha terra
Mas felizmente Deus agora se lembrou
De mandar chuva pra esse sertão sofredor
Sertão das muié' séria, dos home' trabalhador
[...]
Rios correndo, as cachoeira tão zoando
Terra molhada, mato verde, que riqueza*

Na Geografia, isso está ligado ao conceito de lugar, pois o espaço é carregado de pertencimento, memória e luta. A canção demonstra a valorização do campo como lugar de vida e resistência, dialogando com os movimentos sociais que lutam pela reforma agrária e buscam a permanência e melhorias no campo.

Outro fator importante que a canção suscita é a valorização da agricultura camponesa, a qual mantém o sustento das famílias no campo. Vale ressaltar que os alimentos produzidos por essas famílias são orgânicos, em sua maioria sem o uso de agrotóxicos. Todavia, o Estado apoia o agronegócio, que além de utilizar agrotóxicos detém uma enorme concentração fundiária. As comunidades tradicionais, pequenos agricultores e camponeses são expulsos de suas terras ou pressionados a vendê-las. Alguns temas como clima, Semiárido nordestino, êxodo rural, mobilidade populacional,

relação com a terra, identidade camponesa e ciclo das águas podem ser trabalhados por meio dessas músicas no contexto da Educação do Campo.

Já a música Vida do Viajante (Luiz Gonzaga e Hervé Cordovil, 1953) retrata a vida de um sertanejo em constante movimento, viajando pelo país em busca de melhores condições de vida. O trecho a seguir sintetiza esse sentimento:

*Minha vida é andar por este país
Pra ver se um dia descanso feliz
Guardando as recordações
Das terras onde passei
Andando pelos sertões e dos amigos que lá deixei*

Essa música permite discutir os fluxos migratórios no país, principalmente no Nordeste. Outros elementos geográficos presentes são o espaço vivido e a paisagem, pois o viajante observa e relaciona as diversas paisagens e vivências no campo, mantendo o sentimento de pertencimento à terra de onde veio, mesmo estando em movimento.

Nessa música, pode-se entender a precarização do trabalho rural e a luta por permanência na terra. A falta de investimentos no campo faz com que as pessoas tenham que sair de suas terras, quase nunca por escolha, mas por necessidade. O viajante relata sentir saudades da sua terra, de suas raízes e dos amigos que deixou. Com isso, é muito importante trabalhar essas músicas na Educação do Campo, para que esses sujeitos tenham um pensamento crítico em relação ao atual cenário do espaço rural brasileiro, que mais de sete décadas depois do lançamento desta canção continua enfrentando com mazelas derivadas do desenvolvimento contraditório do capitalismo no campo.

4.2 O agronegócio nas letras de Chico César e Ana Castela

A música Reis do Agronegócio (Carlos Rennó e Chico César, 2015) é uma crítica ao modelo de produção agrícola que hegemoniza as políticas públicas no Brasil. A

música nasce como uma resposta crítica ao modelo de desenvolvimento rural baseado na monocultura extensiva, voltado para exportação, e cada vez mais distante da agricultura camponesa e seus modos de vida. O trecho a seguir sintetiza essa crítica:

*Ó donos do agrobiz, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimento com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno
[...]
É o pequeno produtor que nos provê e os
Seus deputados não protegem, como dizem*

A canção aponta os reais problemas causados pelo agronegócio: o uso de agrotóxicos, a concentração de terras, a poluição e a destruição ambiental. O artista contesta o discurso de que o agronegócio gera muitos empregos e alimenta a população, afirmando que quem realmente alimenta o povo é o pequeno agricultor. A letra revela ainda a perseguição contra quem luta por justiça e preservação, como indígenas, quilombolas, posseiros e ambientalistas.

Em contraponto, trouxemos Ana Castela, cantora do estilo “Agronejo”, subgênero que mistura o sertanejo com temas ligados ao campo e ao agronegócio. Em suas músicas, a cantora apresenta a vida no campo e o que seria uma ruralidade moderna, incorporando símbolos do universo rural com uma linguagem jovem e midiática. A música Boiadeira (Rodolfo Alessi, Diego Barão, Gabriel Vitor e Jota Lennon, 2021) é um de seus maiores sucessos, como ilustra o trecho:

*O cabelo Chanel deu lugar pro chapéu
Tá cheia de terra a unha de gel
O Dolce & Gabbana agora foi trocado
Por um perfume com cheiro de mato
[...]*

A maquiagem dela agora é poeira

A patricinha virou boiadeira

Amúsica reforça uma imagem do campo como lugar de riqueza, poder e consumo, com caminhonetes caras, roupas de marca e muita ostentação. Essa representação se refere ao agronegócio, que é considerado moderno e produtivo, mas que se afasta da realidade da agricultura familiar ou camponesa. Trabalhar essa música nas aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo é importante para que os alunos entendam os principais problemas em que estão inseridos e não contraiam a visão idealizada que a canção quer transmitir.

Ao comparar as duas canções de Chico César e Ana Castela, percebe-se que a sala de aula se torna um espaço privilegiado para o debate sobre as contradições do campo brasileiro. Enquanto Reis do Agronegócio adota um tom crítico e engajado, denunciando os impactos negativos do modelo de agronegócio hegemônico, a canção Boiadeira apresenta uma visão romantizada e esteticamente atraente para o público jovem, sem apresentar as contradições socioambientais presentes nesse modelo. Esse contraste é um recurso didático valioso, pois permite que o professor construa com os alunos uma leitura crítica e comparativa das representações do campo presentes na cultura popular, articulando os conteúdos geográficos sobre território, uso da terra, agronegócio e agricultura familiar com as experiências cotidianas dos estudantes do campo.

4.3 Seleção e uso das músicas nas aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo

Silva e Gonçalves (2019) trazem sugestões de como o professor deve trabalhar as músicas de forma criativa, crítica e de modo interdisciplinar. É importante que o professor selecione músicas que, além de ter relação com o conteúdo, sejam de estilos musicais que a maioria dos alunos goste. Se tratando das aulas de Geografia no

contexto da Educação do Campo, é fundamental que as músicas selecionadas estejam de acordo com a realidade e as vivências em que os alunos estão inseridos.

Existem diversas maneiras de se utilizar a música nas aulas de Geografia. Uma delas é a análise de letras de músicas, que além de atrair a atenção dos alunos, possibilita uma compreensão dos conteúdos de forma mais acessível. Outra possibilidade é a produção de paródias ou novas letras, em que o professor pode propor temas como assentamentos rurais, conflitos por terra, movimentos sociais e agronegócio. Outra alternativa é a construção de mapas sonoros, em que os alunos elaboram mapas associando determinados ritmos musicais às diferentes regiões do Brasil.

Ainda é possível utilizar a construção de instrumentos musicais com materiais recicláveis ou encontrados no campo, como chocalhos de sementes, tambores de latas, reco-reco de bambu e flauta de bambu. Por fim, o professor também poderá criar peças teatrais baseadas em músicas que narram a vida no campo, orientando os alunos a montarem seus próprios roteiros, cenários e figurinos de acordo com o contexto descrito na canção. Silva e Gonçalves (2019) incentivam ainda que professores e alunos criem suas próprias composições, relacionadas ao conteúdo estudado e à realidade da qual estão inseridos, favorecendo a imaginação e o processo criativo.

A música também pode ser trabalhada pela perspectiva da educação inclusiva, pois o professor se depara em sala de aula com alunos com diferentes demandas, como estudantes com TEA (Transtorno do Espectro Autista), entre outras necessidades educacionais especiais (NEE). A música facilita a comunicação, estimula emoções e sentimentos, apoia o desenvolvimento cognitivo e motor, facilita a aprendizagem de conteúdos e desenvolve habilidades sociais. Seleções de instrumentos musicais com materiais do próprio campo podem ser especialmente significativas nesse sentido, conectando o lúdico à identidade territorial dos estudantes.

Na concepção de Ferreira (2001), a principal vantagem de se utilizar a música em sala de aula é a abertura de um segundo caminho comunicativo, o não verbal, mais comumente presente no cotidiano dos alunos. Com a música é possível despertar

e desenvolver nos alunos sensibilidades mais aguçadas na observação de questões próprias à disciplina. Sendo assim, a seleção cuidadosa das músicas, articulada a um planejamento pedagógico consistente e à intencionalidade educativa, é o que transforma a música em um instrumento potente para o ensino de Geografia no contexto da Educação do Campo. O professor que se propõe a utilizar esse recurso contribui não apenas para a aprendizagem dos conteúdos, mas também para o fortalecimento da identidade, da cultura e do senso crítico dos sujeitos do campo.

Nesta seção, foram analisadas algumas canções brasileiras, evidenciando suas possibilidades didáticas para o ensino de Geografia. As diferentes representações do campo demonstram como a música popular brasileira pode contribuir para a compreensão de conteúdos geográficos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou como a música pode ser utilizada como recurso didático nas aulas de Geografia no contexto da Educação do Campo. A partir do que foi desenvolvido, constatou-se que a música é capaz de ampliar os horizontes pedagógicos, favorecendo o diálogo entre o conteúdo escolar e a realidade vivida pelos estudantes. Sua abordagem estimula o pensamento crítico, contribui para o fortalecimento da identidade dos sujeitos do campo e enriquece a compreensão de temas como território, lugar, cultura e relações socioespaciais.

A compreensão do significado de música se faz necessária para que os professores entendam o que ela pode despertar nos alunos e, a partir disso, planejem formas de utilização dessa ferramenta nas aulas de Geografia. No contexto da Educação do Campo, o professor deve sempre buscar relacionar a música com as vivências dos alunos no campo e despertar o senso crítico sobre o contexto em que estão inseridos. Verificou-se também que a música pode ser utilizada de diversas maneiras: para análise de letras, para estimular a concentração discente, para trabalhar com alunos com necessidades específicas, para a construção de mapas sonoros e para peças

teatrais. Além disso, a música se relaciona com a Geografia por meio do conceito de paisagem sonora, que une a arte sonora e o espaço de maneira profunda, mostrando como os sons de um local podem refletir e até influenciar sua identidade geográfica.

A análise das canções de Luiz Gonzaga demonstrou que temáticas como a seca no Semiárido, o êxodo rural, a identidade camponesa e a luta pela permanência na terra podem ser trabalhadas de forma significativa e contextualizada. A música Asa Branca e A volta da Asa Branca revelam não apenas fenômenos climáticos, mas sobretudo as marcas sociais, culturais e afetivas que esse fenômeno deixa nas pessoas que convivem com essa realidade. Já a música Vida do Viajante possibilita a discussão dos fluxos migratórios e do sentimento de pertencimento ao lugar de origem.

Por sua vez, a análise comparativa entre Reis do Agronegócio, de Chico César, e Boiadeira, de Ana Castela, revelou as contradições presentes nas representações do agronegócio na música brasileira contemporânea. Enquanto a primeira denuncia os impactos socioambientais desse modelo, a segunda o romantiza. Trabalhar esse contraste em sala de aula permite que os alunos compreendam os reais problemas causados pelo agronegócio, como a concentração fundiária, o uso de agrotóxicos, a exclusão dos camponeses e a destruição ambiental, em oposição a uma imagem de riqueza e modernidade que silencia essas contradições.

Ademais, reafirmamos a importância da Geografia escolar em seus conteúdos com viés emancipatório no contexto da Educação do Campo, bem como a relevância dos movimentos sociais na luta por uma educação de qualidade. O ensino deve estar relacionado ao contexto em que os alunos estão inseridos, e a música, por sua capacidade de conectar saberes, sentimentos e territórios, apresenta-se como um recurso de grande valor nesse processo. Espera-se que este trabalho possa motivar outros professores a incorporar a música em suas práticas pedagógicas, reconhecendo-a como recurso didático e formativo na construção do conhecimento geográfico escolar.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, R. J. S. **A música ensina! Possibilidades metodológicas para o ensino fundamental nas aulas de geografia**. 2013. 51 f. Monografia (Licenciatura em geografia) UFCG/CFP, 2013.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALDART, R. S. Elementos para a construção de um projeto político e pedagógico da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia M. S. A. de (Org.). **Por uma educação do campo**. Brasília, DF: Articulação Nacional, 2004. p. 13-53.
- CALLAI, H. C. A geografia escolar e os conteúdos da geografia. **Revista Anekumene**, n. 1, 2011.
- CAMACHO, R. S. A geografia no contexto da educação do campo: construindo o conhecimento geográfico com os movimentos camponeses. **Revista Percorso NEMO**, Maringá, v. 3, n. 2, p. 25-40, 2011.
- CAVALCANTI, L. de S. Geografia escolar e sua relevância social: aportes teórico-metodológicos para uma proposta de atuação docente. In: SILVA, M. R. P. (Org.). **Conversaciones sobre la dimensión formativa de la geografía y la educación geográfica**. Bogotá: Sociedad Geográfica de Colombia, 2021. p. 49-74.
- CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Cinema, Música e espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009.
- DOZENA, A. **Geografia e Música: diálogos**. Natal: EdUFRN, 2019.
- FARIAS, H. S. de; FRANÇA, D. C. S. de; ANDRADE, B. V. de. A música como linguagem de ensino: relato de experiência da utilização da obra de Luiz Gonzaga. **Revista Ensino de Geografia (Recife)**, v. 2, n. 2, 2019.
- FERREIRA, M. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- LISBOA, S. S. A importância dos conceitos da geografia para a aprendizagem de conteúdos geográficos escolares. **Ponto de Vista**, v. 4, 2007.
- MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MUNIZ, A. A música nas aulas de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 3, n. 4, p. 80-94, jan./jun. 2012.
- PAULA, L. R. **A produção musical como recurso didático em aulas de geografia**. Monografia (Licenciatura em Geografia). Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2004.

SANTOS, R. B. dos. A educação do campo e o ensino de história: possibilidades de formação. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 12, n. 01, jan./jun. 2011.

SCHAFER, R. M. **O ouvido pensante**. 2. ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.

SCHROEDER, H. **A música como linguagem no ensino do espaço geográfico urbano**. Programa de Desenvolvimento Educacional. Guarapuava-PR, 2009.

SILVA, J. M. da; GONÇALVES, G. R. **Ensino por meio da música em ciências humanas: uma prática possível**. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2019.

VIEIRA, C. E.; SÁ, M. G. de. Recursos didáticos: do quadro negro ao projetor, o que muda? In: PASSINI, E. Y. (Org.). **Prática de ensino de geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

DECLARAÇÕES

Contribuição de Autoria

1 – Jailson Pereira dos Santos

Licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Alagoas
<https://orcid.org/0009-0003-7827-2364> • jailson6894@gmail.com
Contribuição: Escrita - primeira redação, Escrita - revisão e edição

2 – Leônidas de Santana Marques

Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo
<https://orcid.org/0000-0002-6714-4039> • leonidas.marques@delmiro.ufal.br
Contribuição: Escrita - revisão e edição, Supervisão

Conflito de Interesse

Os autores declararam não haver conflito de interesses.

Disponibilidade de dados de pesquisa e outros materiais

Dados de pesquisa e outros materiais podem ser obtidos entrando em contato com os autores.

Direitos Autorais

Os autores dos artigos publicados pela Revista Sociais e Humanas mantêm os direitos autorais de seus trabalhos e concedem à revista o direito de primeira publicação, sendo o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição (CC BY-NC-ND 4.0), que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

Verificação de Plágio

A revista mantém a prática de submeter todos os documentos aprovados para publicação à verificação de plágio, utilizando ferramentas específicas, como Turnitin.

Editor - chefe

José Renato Ferraz da Silveira

Como citar este artigo

SANTOS, J. P.; MARQUES, L. S. Ensino de Geografia no contexto da Educação do Campo: a música como recurso didático. **Revista Sociais e Humanas**, Santa Maria, v. 39, n. 1, e97640, 2026. DOI: 10.5902/2317175897640. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/2317175897640>.